

DIRECTOR, PROP.º E ADMINISTRADOR
JOSÉ DA SILVA VIEIRA

Composição e impressão: Typ. Espozendense
Rua Veiga Beirão, 7 a 9
ESPOZENDE

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano evolucionista—defensor dos interesses d'este concelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LIVRARIA ESPOZENDENSE

Editor: Manoel Gomes da Costa Freitas

ACCREDITADA TODA A COLLABORAÇÃO DE INTERESSE PUBLICO

Os originaes não publicados não se restituem.

ASSIGNATURA (pagamento adiantado)

FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL

ANNUNCIOS (secção competente)

Anno, sem estampilha 1\$200 reis.

Com estampilha 1\$360 reis.

Linha, ou espaço de linha a 40 reis

Comunicados, ou reclames (secções)

Numero avulso 40 reis

Brazil, (moeda forte) 2\$500 reis

Os assignantes tem 25 % de desconto.

Imposto do sello (cada publicação) 10 rs

O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Annuncios anuaes, contracto especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes se receba um exemplar.

POR ESPOZENDE!

Abatemos sempre as bandeiras de qualquer partidario que por vezes insuffe as columnas do nosso modesto jornal, para sobrepor n'um plano elevado, tão elevado quanto tambem o é o sentimento que representam, os sagrados interesses desta região que tanto amamos e desejamos vêr prospera e grande entre as mais grandes do nosso Minho. E se foi sempre este o norte arproado e seguido ainda mesmo no meio do encapellado embate da politica, hoje mais do que nunca cerramos a vista para o que se passa em volta de nós, a fim de vêrmos momento a momento mais nitido, em frente do rumo que demandamos, o brilhante pharol que para nós representa o engrandecimento do nosso depauperado e desprotegido concelho.

O momento é de congregar forças e não de dispersal-as n'uma mal entendida pugna de principios, que as mais das vezes encobrem apenas uma encarniçada lucta de odios e de revindictas pessoais.

Só assim, todos com os olhos fitos no San-Telmo do amor patriotico, é que poderemos vencer n'esta rivalidade crescente entre povoações que se digladiam na ancía de se engrandecerem, de adquirirem para os seus habitantes aquillo a que a civilização e o progresso lhes dão jus. Quid inde?

Que ninguem melhor do que os proprios filhos d'esta terra, integrados n'ella com os bens que aqui possuem, com os interesses que d'ella lhes adveem por herança avoenga ou por qualquer outra forma, pode bradar bem alto e dar a conhecer ás instancias superiores aquillo de que ella carece e que lhe convem, as prerogativas que merece e os soccorros de que precisa.

São os filhos d'Espozende, pois, como sacerdotes do culto sagrado do amor por esta linda villa, pelas aspirações d'ella e das freguezias que se acastellam em torno do seu municipio. Só esses é que com a accendrada chamma da dedicação por este pequenino torrão que se curva á margem do Cavado, podem com sinceridade e com alma soltar de vez em quando, quando urge e se quer, a sua afflictiva voz em prol dos seus interesses ameaçados, das suas nobres quanto legitimas pretensões.

A par d'estes, porém, não podemos deixar de incluir tambem, como depositarios

da ara sacra do lemma «Por Espozende» aquelles que por muitas e desvairadas sortes, até aqui vieram ter por ligações de familia, por interesses patrimoniales, ou por um despacho com que o «Diario do Governo» os foi surpreender e arrebatat até, sabe Deus ás vezes com que saudade, ás tambem lindas terrinhas em que passaram a sua infancia.

A estas duas classes de filhos d'este concelho, de espozendenses, uns por nascimento, outros por interesses inalienaveis ou por motivo de residencia que lhes foi imposta, é que nós diremos que nunca falta sinceridade, nem arrojio, nem expontaneidade ou força de vontade em pedir ou exigir mesmo, aquillo que pode reverter em um beneficio em um melhoramento para este concelho d'Espozende. Os restantes e isto vá dito sem desprimor para ninguém, são quando muito umas boas almas que põem hoje em defender as ambições e a ancía de progresso que porventura aqui tenhamos, a mesma fé incerta e falsa, o mesmo caminho artificial e suggerido, que poriam amanhã em defender os interesses... de Freixo de Espada-a-Cinta. Ora, como ficou dito, nós nem somos sequer tão partidarios da doutrina munroëista, proclamando em paraphrase: «Espozende é para os espozendenses» que o sectarismo d'essa exclusivista theoria nos leve a taxar de *arricistas*, as creaturas que por ventura por aqui appareçam a exercer a sua actividade n'um incontestavel quanto legimo direito á vida, e á sua *struggle*.

Apenas queremos e este é a conclusão a que, se tivermos vagar, tenderão subseqüentes palavras nossas, proclamar bem alto e affastados de quaesquer influencias partidarias que acima de tudo e de todos, precisamos de fazer manter, pelos espozendenses um culto e preferencia maior do que a que até hoje temido, não os deixando relegar injustamente para um plano inferior só porque ha um proloquio popular que diz não ser ninguem propheta na sua terra, ou porque apparece por vezes a voz de qualquer espozendense de vulto a effeivar esse infundamentado principio, á sombra d'uma illusão em que viva, d'uma indomavel onda de odio, ou de ambição.

E como não crêmos que haja peor serviço que se possa causar a um concelho, do que esse de annular, desintegrar, ou remover forças embora isoladas, que espozendenses cheios de boa vontade estejam dispostos a reunir para o progresso d'esta terra, nós deter-nos-hemos

ainda no proximo numero sobre esta materia, a vêr se ainda é tempo de oppôr um dique á phobia que destruiu e continua a destruir elementos de valor da nossa terra, n'uma epocha em que todas as energias são poucas para o seu rapido engrandecimento.

Attrahir, pois, será a maxima que mesmo afóra a questão de *cotteries*, que deve ser preterida pela questão geral, deve presidir aos actos d'aquelles que superintendem na *res publica*, pela sua posição e força de direito. Mas essa attracção para ser proficua e patriotica, e sem vicios deformantes deve ser tal que se exerça sem ser á custa do sacrificio dos espozendenses, dos filhos d'esta região que aqui vivem e que aqui esperam morrer, ao fim duma vida de combate por Espozende. Do contrario este sacrificio absorveria a attracção por outra parte exercida; ou será o mesmo que o publico se convencer de que tal attracção não tinha em mira mais do que crear um prestigio pessoal e portanto frangivel a qualquer que se lembrasse de pôr o seu profano interesse acima do sagrado nome da causa publica na nossa querida terra d'Espozende.

E isso é que os filhos d'esta terra, pela alma e pelo sangue, não devem consentir.

ILLUMINAÇÃO DA COSTA NEGRA

Desde que se exhibiu a horripilante e pudentissima tragedia do naufragio do «Veronese» falla-se com insistencia na illuminação da costa negra, costa norte de Portugal.

Eu, livre pensador, uso por systema quando se me apresenta uma ideia nova autopsia-la, esquiteja-la para lhe encontrar o são e os principios solidos em que se esteeia. e outro modo não seria eu um genuino livre pensador mas um simples basbaque. Repugna-me perfilhar uma ideia de momento aventada por um tresloucado por qualquer vicio ou paixão, sem o prematuro estudo e por consequencia sem o verdadeiro conhecimento de causa. Se o basbaque é a concretização do livre pensamento, passe por lá muito bem.

A tentativa da illuminação da costa negra, não é mais que um insolito sarcasmo arrojado ás faces do publico para furtar Leixões ás imprecações das familias das desgraçadas victimas, ás imprecações das companhias de navegação e seguros, e faze-las recair sobre a costa norte de

Portugal. Mas debalde, porque Leixões está agonizante, sucumbindo ás maldições dos desgraçados. Portanto a sua vida é curta como haviam prognosticado os homens da sciencia, logo ao nascer. Leixões, hoje, constitue um perigo eminente á navegação a não ser em tempo de sol e moscas.

A costa negra delimitada por Caminha e Leixões, é um erro senão uma calumnia, porque o seu rebate advem das dezenas de naufragios, dos milhares de victimas que lugubremmente se contam entre Vianna do Castello e Villa do Conde (vide «Espozendense» 10-10-12). Consequentemente, a costa negra está delimitada por estas duas terras. O naufragio do «Veronese» e de seu outro collega ha 5 ou 6 annos, não se deram na costa negra, nem para ahi ella tem responsabilidade alguma. Toda a responsabilidade recai sobre a armadilha de Leixões. Se este não existisse, elles, na mesma rotina, singrariam o mar largo. Antes de existir Leixões não consta haver nessa altura naufragio de minima importancia. Logo a costa não pode estender-se até Leixões.

Mas vamos á illuminação da costa negra. Supponhamos que em Leixões se levanta um pharol, nos «Cavallinhos de Fão» outro e Montedor outro. Qual a sua proficuidade se não temos ahi um condigno porto d'abrigo que nos compense essa despeza? Se esta illuminação evitasse os urros do mar implacavel e os gemidos da tempestade furiosa, então sim, tinhamos Leixões—porto de sol e moscas.—Doutra sorte vamos malbaratar os proventos da nação em beneficio da nossa visinha Hespanha, porque é só em Vigo onde os navios se podem refugiar por ser o porto mais cercão.—Boa administração, como sempre, na duvida.

Querem acabar, d'uma só vez, com a costa negra? Arrazem Leixões, e levantem, nos Cavallos de Fão, um dos mais importantes portos d'abrigo, que conteem em si os mais fartos requisitos; e não mais contar-se-ha as victimas por milhares e os naufragios por centenas. E' só assim e por meio d'um só pharol, segundo a sciencia e força moderna, hasteado no importante porto dos Cavallos, que chamaremos, por autonomia, á costa negra, a costa clara. A omissão de tudo isto equivale atirar dinheiro ao fundo do mar, como ha pouco disse um illustre ministro a respeito de Leixões.

Ahi fica o meu pensar, que desejava ver dignamente contestado, por quem quer que seja, com o mesmo direito que conteste o dos outros.

Da contestação sai a luz que illumina a alma humana, e eu amo a luz.

Occorre-me neste instante que o Porto vulnerado no seu amor proprio será o primeiro a contestar-nos. Mas tambem me ocorre que elle se compadecerá da nossa pequenez e microscopiosidade para não reduzir a pó. Não, o Porto não se compadeca de nós neste sentido.

Nós cá estamos no valle da imprensa qual outro David á espera do gigante Golias.

Se David foi para Golias com uma funda de couro, nós iremos para o Porto com uma funda de papel. Já basta de tão descabelado pyrrhonismo.

Senhor Porto convem mais attender ao bem da humanidade e ás finanças da nação que ao nosso amor proprio.

CARTAS

Annotando nórtadas...

Devendo ser a politica, caros leitores, o melhor meio de governar os povos, ella muitas vezes torna-se lamentavelmente o verdadeiro meio de os levar á ruína, a multiplas infelicidades. Já a proposito dizia um meu velho e distincto professor, que o é ainda dum dos nossos primeiros lyceus, falando a seus alumnos com a sempre fina verve de poeta mimoso, que tambem o é:—«isto de politica, mens amigos, é uma manha e uma trica.» Flagrante verdade, não ha duvida!... Quem se não viu já enganado por ella? Quem já teve a gloria de desfazer e perceber seus enredos? Ella parece ter herdado a manha pactuada da «Granja» os enredos da bella «Roza de Granada»!

Em Portugal, velha e ainda respeitada nação, parece não haver outra politica, pelo que se nos vae tornando sombrio, triste e indeciso o pequeno horizonte, que forma o céu deste nosso heroico paiz! Portugal atravessa actualmente o periodo mais agudo das suas maiores crises; a crise financeira e a crise d'homens d'Estado.

Falta-nos dinheiro, faltam-nos recursos, meios indispensaveis á vida, e ainda erradamente se concorre com o pesar demasiado das contribuições para o emigrar constante e assustador de tantos braços portuguezes, creando-se-lhes assim uma situação angustiosa que elles, coitados, não crearam! E' o commercio, é a industria, é a agricultura, é o operariado, tudo a lamentar-se e a affirmar constantemente a crise medonha que os paralysa.

Eis o que motiva a constante emigração. Pobre Portugal!... se uma nova e poderosa faisca não illumina cedo os cerebros dos quaes actualmente nos dirigem!

Então confirmar-se-ia aquel-

li phrase d'uma alta individualidade politica de Hespanha que, falando de nós ainda ha bem pouco tempo, disse: — «Portugal é um paiz de suicidas.»

Ha tambem a crise d'homens d'Estado; para que nega-lo? A Republica conta verdadeiros talentos, mas carece d'homens praticos e de tino politico; devia ter recebido de braços abertos os politicos experimentados que vinham da monarchia, e não arrelia-los de cara e na imprensa, taxando-os injustamente de «adhesivos», como fez.

Assim creou, por si, mais um obstaculo serio á propaganda de que ainda necessita de fazer; afastou muito desta forma elementos valiosos que, podendo ser uteis ao actual regimen, hoje se conservam, não sem razão, na maior indifferença, desgostosos por verem que a liberdade entre nós é ainda uma mentira. Outro erro, e aqui vae a falta de tino politico, foi o bulirem com o que o nosso povo ainda mais preza, permita-se-me a expressão, com o eixo de tudo isto, a crença arreigada do nosso bom e humilde povo! Liberdade sem respeito e sem egualdade não se comprehende. É preciso que a Republica se saiba aproveitar da natural bondade do povo portuguez, e para isso só tem a respeitar-lhe a sua crença, o que mais o enleva. Aposto cem contra um:—rasgue-se ou altere-se quasi por completo essa lei, a que chamam de «separação.» e teremos o desaparecer rapido de todos os nossos males, o voltar de ingenitas e tradicionaes alegrias, em summa, a felicidade constituida da nação portugueza. Teriamos o regressar aos lares da Patria de verdadeiras alleluias. Seria como se passassemos dum dia escuro e tempestuoso para um dia claro e de lindo sol. Portugal então resurgiria... e ainda talvez ditasse novas leis ao mundo—como *in illo tempore!*

No proximo artigo versarei o duello, rebatendo-o á luz da razão e em face do direito-natural e positivo.

Moansel Goré.

FÃO, II

A morte esse monstro horroroso, terrivel flagello dos mortaes, inimiga desapidada dos viventes, acaba de descarregar seu golpe formidavel, arrancando do seio d'uma familia consternada e oprimida pela mais amarga saudade a exemplar velhinha D. Anna Ferreira Santos, cuja respeitabilidade veneravamos e cujas virtudes eram um titulo á estima de todos.

Junto do throno do Altissimo repousa dos vaivéns d'esta vida a extremosa mãe das ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria dos Anjos, Amelia, Ernestina, Zacharias e Antonio D. dos Santos, habil constructor naval e nosso bom amigo.

Fallar das qualidades da falecida, seria uma superfluidade, quando é certo que ninguem desconhece a falta que a finada faz ás muitas pessoas das suas relações.

Dirigimo-nos portanto apenas ao coração de seus extremos filhos afim de mitigarmos, com o balsamo da amizade sincera e respeitosa, as dores profundissimas, que, em taes transes, humedecem de lagrimas

os olhos e banham de angustias a alma.

Se, pois, este testemunho do nosso pesar, se este tributo da nossa estima podem enxugar justos prantos e balsamar pungentes golpes receba a familia e nojada as nossos expressões de pesar.

O fatal desenlace deu-se na tarde do dia 6, realsando-se os officios funebres no dia 8 no magestoso templo do Bom Jesus; que se achava artisticamente decorado, levantando-se ao centro da capella-mór uma rica tarima sobre a qual pousavam os restos mortaes da inditosa senhora, que para alli haviam sido transportados ao cahir da tarde de 7, tomando parte no funereo acompanhamento mais de 100 pessoas de todas as condições e cathogorias.

A chegada do cortejo fúnebre ao templo houve «*Liberamente*» cantado a vozes e orgão pela capella. «Rainho» assistindo uma mó compacta de povo. Sobre o feretro foram depositadas muitas corôas e bouquets com dizes carinhosos destacando-se uma de seu filho «Antonio» — «A sua mãe ultimo adeus de seus filhos» — «Saudade eterna de sua filha Ernestina» — «Saudade infinda de suas filhas» — um bouquet de seus netos, outro de suas netas e um outro de flôres naturaes de sens netos Ramiro e Georgina.

Após os officios e missa solemne cantada pela capella citada e a que presidiu o rev. prior acolitado por 27 eclesiasticos, foi o cadaver conduzido ao cemiterio publico, organisando-se varios turnos com os snrs. dr. José Bernardino d'Abreu Gouveia, Correia d'Oliveira, Valentim Fonseca, Firmino Loureiro, presidente da Camara, Antonio Costa, João Borda, Carlos Pires, Adriano Vieira, etc.

A chave foi entregue ao snr. Jayme Pereira, digno provedor em exercicio da Santa Casa da Misericordia.

A familia enlutada reiteramos os nossos pesames.

—Iniciaram-se no passado domingo no templo da Matriz as conferencias quaresmaes que este anno foram confiadas ao intelligente orador sacro, rev reitor de Milhazes; que durante 40 minutos prendeu o numeroso auditorio dissertando proficientemente sobre a—Morte—.

No fim houve os costumados exercicios da Via-Sacra e benção Eucharistica.

—De visita a seu cunhado e nosto amigo José Joaquim Teixeira, digno sargento reformado da guarda fiscal encontra-se o ex.^{mo} snr. Antonio Barbosa e ex.^{ma} familia que, ha dias, regressaram do Rio de Janeiro.

—Para o Porto partiram os nossos amigos: padre Manoel Alaiô, Antonio Cardoso Ignácio Turra e Manoel Freitas. Que regressem bem e bons.

—A troupe dramatica-musical Fãozense vai no proximo domingo dar uma recita com as chistosas comedias «Os 30 botões» e «Por um triz» ao Theatro-Club Espozendense.

Que sejam muitos felizes e que tenham uma boa enchente, é o que lhe desejamos.

—Realizou-se no passado domingo o baptisdo d'uma galante menina filha do nosso particular amigo Francisco Teixei-

ra Gomes, e sobrinha do snr. Manoel Freitas, editor deste jornal. A neophyta que recebeu o nome de Rosaria teve por padrinhos a prendada menina Rosalia de Freitas e o snr. Albano da Costa Parente, de Ancoara.

Ao acto religioso seguiu-se um variado jantar em que tomaram parte diversos cavalheiros amigos do pae da recém-baptisada, terminando esta festa intima por uma brilhante soirée.

Parabens ao nosso caro amigo:

—Por decreto ministerial acaba de ser despachado, para escrivão do 3.^o officio n'esta comarca o nosso bom e predilecto amigo João Gomes Vinha. Devido ás suas elevadas qualidades ha-de desempenhar com proficiencia o cargo para que acaba de ser promovido e que, de ha tempo, vinha exercendo interinamente. Parabens.

—Tambem foi ao Porto o nosso particular amigo Ernestino Magalhaes. Boa viagem.

X.

LEIXÕES E OS CAVALOS DE FÃO

(Conclusão)

E não haver um refugio em que se salvem!... que horror meu compadre!!! Sejemos humanitarios. Deixe o seu Leixões que, nesta conjunctura, nada vale, e volte-se, lh'o peço, para os meus Cavallos, porque só lá essas infelizes vidas podem contam com um refugio certo e seguro em toda a hora e dia, com todo mar e tempo. Recorde-se bem, meu compadre, que é ahí nos meus Cavallos que esses terriveis inimigos teem assitada a sua basta e arcabuzante artilharia, como acampamento verdadeiramente estratégico para fazer mais victimas em toda a costa da Europa! Corramos-los d'ahi para fóra; e velemos por essas vidas que são tão preciosas como as nossas, e filhos de tão bons paes como os nossos. Sejamos caritativos e deixemo-nos de vaidades. Este mundo são dous dias, meu compadre, que fogem como a sombra—*fugit velut umbra*—lá o dizia Santo Job.

—A comadre fez-me recordar agora o Frei Manoel das Chagas. Todo esse palavreado é lindo, não resta duvida, mas os prejuizos eu os sinto.

—Não me falle em prejuizos, meu compadre, falle-me em lucros. Lembre-se que a navegacao não podendo entrar em Leixões, lá vai para Lisboa ou Vigo, e o compadre cá fica a sugar como as creanças; ao passo que se entrasse em os meus Cavallos quem ficava a sugar era Lisboa e Vigo. O compadre não ignora, que, para entrar em Vigo é necessario enrejar o mar e maré cheia, e, emquanto espera, e não espera, com uma pazada de carvão ou uma cambadella a bombordo ou estibordo, cá estavam nos meus Cavallos, logo ali cerquinho. E quem no meio de tudo isto agarrava as melhores luvas era o compadre; porque o compadre, é, á semelhança do estomago da fabula, o estomago do norte e nós outros os membros para quem trabalhamos. Demais o trasfego entre Leixões e o compadre ha de haver-lo entro os meus Cavallos e o compadre. Por isso, repito, não me falle em prejuizos... Eu, meu compadre, releve-me esta digressão, desde ha

muito, que não compreendo os nossos homens politicos, ou melhor, compreendo que todos elles pensam em arranjar-se e desarranjar Portugal. Porque se assim não fosse deviam lembrar-se desta exuberante fonte de receita! Eu ousou afirmar, onde quer que seja, que um porto nos meus Cavallos produzia maior rendimento para o Estado que o de Lisboa. Ora diga-me compadre, a força do nosso commercio pelo mar vem do norte ou do sul?

—Vem do norte

—Ora é isso mesmo. Consequentemente lá estão os meus Cavallos a receber tudo que vier do norte, não fallando já na competencia que faz a Vigo.

—Mas o meio é outro minha comadre!

—Bem sei que o meio é outro, todavia, muitas vezes, com a demora nos meus Cavallos por causa do mau tempo e entre idas e vindas a Lisboa, talvez, fizessem economia descarregar ahí mesmo.

—Agora, ahí, calo-me...

—Ha de calar-se o compadre e se ha de calar todo o mundo.

—Onde o dinheiro para essa obra, comadre?! A senhora sabe que em Portugal não ha dinheiro, que não ha a que estender a mão nem a um vintem. Só com o meu Leixões gastaram-se quatro mil contos, por isso tiremos d'ahi o sentido; é o conselho que lhe dou...

—Ora essa!... tirar d'ahi o sentido?... Ora essa... olha a bagatella de oitenta contos ou cem que fosse, que se tomam ahí em qualquer banco...

—O quê comadre! oitenta contos?!...

—Sim senhor, sim senhor, oitenta contos, está isso escripto em letra redonda...

—Aonde?!...

—No meu «Espozendense». Lá vem isso muito bem descripto —Isso é irrizão!... isso é chulo!...

—(Aqui para nós, baixinho que ninguem nos ouça, eu assim o intendi). E para me tirar de duvidas mandei lá os meus engenheiros, que vieram muito satisfeito elogiando muito o dito orçamento.

—Custa-me a crer minha comadre!!!

—Tambem a mim me custou, mas hoje creio como creio nas contas que tenho a dar a Deus no dia de Juizo.

—Pois bem!... Eu vou lá mandar os meus engenheiros e se me convencerem do que a comadre diz, creia, eu lh'o prometto, que o porto nos seus Cavallos, em breve será uma realidade

—Desde ja lh'o agradeço, meu hom compadre.

—Mas...

—O compadre coça na cabeça?

—Se lhe parece... Como diabo me hei descartar de Leixões...

—Não se afflija compadre. Nada mais simples nem mais facil. O compadre sabe muito bem que os jesuitas foram a causa de todos os males em Portugal, são-o mesmo no estrangeiro e o serão ainda com sete palmos de terra em cima d'elles.

Lá isso é verdade minha comadre.

—Pois bem, vá para sua casa e com os seus jornaes carregue sobre elles até os meter pelo inferno dentro (que, talvez nem lá estejemos livres dessas pragas), dizendo pouco mais ou menos isto—que em tempos da ominosa um bando

de jesuitas, qual nuvem espessa de gafanhotos pairou sobre sua casa, invadindo para logo a sua meza e adega; que bebados como nabos saltaram a burra e que á sua primeira voz de socorro caíram sobre si amoldaçando-o e maneatando-o de pés e mãos; que n'este estado fóra obrigado a consentir, concordar e annuir em todos os roubos e ladroeiras, em todas as injustiças e roubalheiras *especiali modo* a elles reservadas; que, todavia, hoje estilhaçadas as gargalheiras jesuitonas, graças ao grande Oriente e luminosa Republica, livre do fanatismo e sugestões jesuiticas, dava como irritas e nulas todas as patifarias cancelladas com o seu nome; que como livre pensador, que se preza de o ser, pois que a liberdade o sol, a egualdade da lua, a fraternidade das estrellas nasceu para todos; reconhece, com documentos á vista, que o porto de Leixões é obra attrictamente jesuitica, com o malevolo fim de roubar a Nação em dous mil contos e continuarem a roubar a pretexto de qualquer obra ou concerto; que, finalmente, por esta razão, e só por ella, abandona o porta de Leixões, invidando todos os meios ao seu alcance, para levantar um outro porto nos Cavallos de Fão, como medida mais bem acertada e de interesse publico. Por isso pede a todos os seus collegas livres pensadores a sua coadjuvação de seu alto valimento—Fale assim compadre e verá que todo o odioso recaí sobre os jesuitas. E, desta forma, receberá encomasticos elogios em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros, e cartas e cartões de grandes cumprimentos.

—Genial ideia minha comadre!...

—Outra ainda.—O compadre reconhece que não temos em Portugal um porto franco. Pois, a pretexto dum porto franco, como o senhor está de boas relações com a Republica, meta-lhe por dentro, incitando-a a um rasgo de franca e mundial fraternidade, qual seria um porto franco nos Cavallos de Fão, já que a usuria, velha e noventa Monarchia descurou este importantissimo melhoramento, visto empregar-se nessa obra gigante a simples nulidade de oitenta contos que nem de leve fere as suas finanças; que este arranco de humanitarismo seria bem recebido por nacionaes e estrangeiros; que, outro sim, seria como a alavanca de Archimedes a soerguer as finanças e o nome portuguez tão desprestigiado nos tempos hodiernos que, com quanto, consolidada no interior, lá fóra lançaria as bases em pedra e cal.—E por ahí adeante como o compadre quizer ou poder... Se tal consegue compadre! a nossa Republica será a Republica modelar; e o compadre será exalçado até ás nuvens e o mais colado livre pensador.

—Bem se diz, que as mulheres em conselhos repentinos nem o diabo chega para ellas

—O fazer caçoada é as vistas meu compadre.

—Não é fazer caçoada, é a simples expressão do sentimento intimo.

—Muito obrigada. Todavia não terá muito que dizer.

—Não tenho que dizer senão bem. E conte com a minha protecção... Minha comadre já lá vão duas boas horas de cavaco. Não posso demorar mais. São horas do comboio.

—Inda ha tempo de apreciar o meu netar de Sequeira

—Isso sem demora... Que boa pinga minha comadre!
—Então tenho bons gostos?
—Excellentes!
—Sirva-se faz obsequio... aqui tem frigideiras do Igo, tacões do Zé Certo, especialidades cá da casa...

—Não havia cá na casa também um celebre café de Caçoila, minha comadre?

—Ah!... sim!... o compadre vai já proval-o...

—Não, não, que lhe preste minha comadre, antes mais uma pinga... adeus, adeus

—Visto estar tam apressado, Deus o leve em sua companhia. E não se esqueça.

—Esteja certa: os seus Cavalos vão dar nome na historia.

—Desde já lh'o agradeço penhoradissima meu bom compadre.

—Adeus comadre

—Adeus compadre Boa viagem

—Obrigado.

Comarca d'Espozende

ARREMATACÃO

1.ª praça

2.ª publicação

F AÇO saber que no dia 23 do corrente mez, ás 11 horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, se ha-de arrematar em hasta publica, pelo maior lanço offerecido, o predio seguinte:

—Um campo de lavradio, com vinha e uma pequena casa em ruinas, situado no Rego da Cruz, da freguezia de Fão, denominado «Campo da Afonsa», foreiro, com o fôro annual de 174 litros de milho grosso e descripto na conservatoria desta comarca a folhas 171 do livro B—nove, o qual entra em praça pela quantia de 887\$200 reis e pertence á menor Virginia, filha dos inventariados Delfino de Barros Dias Fernandes e de Maria Martins do Monte e vae á praça por virtude da resolução tomada pelo conselho de tutella no respectivo inventario.

As despesas da praça, custas do incidente e o pagamento, por inteiro, da contribuição de registo por titulo oneroso, ficam a cargo do arrematante.

Ficam por este citados quaesquer credores incertos nos termos da lei.

Espozende, 1 de Fevereiro de 1913.

O escrivão substituto do 3.º officio

João Gomes Vinha

Verifiquei

O Juiz de Direito, Leal Sampaio.

Comarca de Espozende

EDITOS DE TRINTA DIAS

2.ª publicação

F AÇO saber que por este Juizo e cartorio do escrivão que este subscrive, correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste annuncio, citando os executados João Baptista Lopes e Carlota Faria Lopes de Campos, ambos desta villa e ausentes em parte incerta nos Estados Unidos da Republica do Brazil, para no praso de dez dias a contar do findamento do praso dos editos pagar á Fazenda Nacional, a quantia de 75\$000 reis, pela caução dada ao serviço militar por aquelle João Baptista Lopes, ou nomear á penhora bens suficientes para tal pagamento sob pena de não pagando nem nomeando dentro do referido praso, o direito de nomeação ser devolvido ao Exequente Digno Agente do Ministerio Publico e a execução seguir seus termos.

Espozende, 1 de Fevereiro de 1913.

O escrivão substituto do 3.º officio

João Gomes Vinha

Verifiquei

O juiz de direito, Leal Sampaio

Comarca de Espozende

ARREMATACÃO

1.ª praça

1.ª publicação

N O dia 23 do corrente mez, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca se-

rão arrematados em hasta publica, para serem entregues a quem maior preço oferecer sobre o valor porque entram em praça os seguintes predios:

1) Metade para o lado do sul, de um predio denominado URACA, que se compõe de casas torres, cobertos e terreno de lavradio no valor de 2:200\$000 reis;

2) Metade, para o lado do nascente, do campo de lavradio, denominado LAGOA DE CIMA, no valor de 450\$000 reis;

3) Campo de lavradio e paúl, denominado CIMA ou CINZA, no valor de 180\$000 rs.;

4) Um campo de mato, no Folinho, no valor de 50\$000 reis;

5) Um pedaço de terreno de mato, no sitio da Pôça dos Cavaleiros, no valor de reis 30\$000;

6) Uma leira de mato na Agra, no valor de 3\$000 reis;

7) Uma leira de mato na Agra, no valor de 18\$000 reis;

8) Uma leira de mato na Agra, no valor de 3\$500 reis;

9) Uma leira de lavradio na Agra, de S. Martinho, tambem conhecida por Agra de Bai-xo ou Agra dos Dois Portêlos no valor de 40\$000 reis.

Todos estes predios são situados na freguezia de Gandra d'esta comarca, pertencem e foram penhorados á executada Maria do Rosario Cunha de Queiroz, da mesma freguezia, na execução que pelo Tribunal Commercial da Comarca de Lisboa—1.ª vara—contra ela móve Maria da Conceição Nascimento, da referida cidade e vão á praça para pagamento da quantia exequenda de 150\$000 reis e sêlos e custas que se liquidarem.

As despesas da praça ficam a cargo do arrematante.

São por este citados quaesquer credores incertos da aludida executada.

Espozende, 1 de Fevereiro de 1913.

O escrivão do primeiro officio,

Alexandre Henriques Torres

Verifiquei

O Juiz Presidente do Tribunal do Comercio,

Leal Sampaio

Comarca de Espozende

EDITOS de 30 dias

1.ª publicação

P ELO Juizo de Direito da comarca d'Espozende e cartorio do

Escrivão — Moraes Rocha — correm seus termos uns autos d'ação ordinaria de investigação de paternidade ilegítima em que sam =autor= Augusto Rodrigues da Silva, casado, lavrador, da freguezia de Forjães e réus—Maria José da Cunha, viuva—José Luiz da Cunha, viuvo—Amelia das Dores Cunha e marido Antonio Maria Pereira Telles de Menezes Montenegro — padre Ma-

noel Antonio Alvares da Cunha—Candido José Alvares da Cunha—Emilia Teresa Alvares da Cunha e marido João Gomes Alves—Maria das Dores Alvares da Cunha e marido Eleuterio José Magaeinho—Joaquina Izabel Alvares da Cunha e marido Antonio José Rodrigues—Madalena de Jesus Alvares da Cunha e marido José Antonio do Souto, todos da freguezia de Verdoejo—José Antonio Alvares da Cunha e mulher Ana Maria d'Abreu, tambem conhecida por Ana d'Abreu, de Sam Manoel, digo, de Sam Mamedê de Friestas, todos da comarca de Valença—o Ministerio Publico e as pessoas incertas e neles correm editos de

trinta dias, que se contarão posteriormente ao findamento do praso de dez dias a contar da data da ultima publicação do annuncio citando os reus padre Manuel Antonio Alvares da Cunha e Candido José Alvares da Cunha, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para na segunda audiencia posterior ao acadamento do praso dos editos verem acusar a citação e ahi marcar-se-lhes o praso legal para contestarem querendo, a dita acção em que o auctor pretende provar que é filho illegitimo do padre José Luiz da Cunha, solteiro, parocho que foi da freguezia de Alvarães, comarca de Vianna do Castello, ahi falecido, para assim poder succeder na sua herança e usar o seu apelido, seguindo a acção os seus ultiores termos.

As audiencias neste juizo fazem-se em todas as quartas-feiras e sabados, não sendo dia feriado, por dez horas da manhã, no tribunal, sito na vila d'Espozende.

Espozende 13 de Janeiro de 1913

O Escrivão de Direito João Evaristo de Moraes Rocha

Verifiquei

O Juiz de Direito Leal Sampaio

Comarca de Espozende

EDITOS

de 30 dias

1.ª publicação

P ELO Juizo de Direito da comarca de Espozende e cartorio do escrivão do

primeiro officio, correm editos de trinta dias a

contar da segunda e ultima publicação deste annuncio, citando Antonio Alberto de Faria Azevedo, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil para assistir aos termos do inventario a que neste Juizo se procede por obito de sua mulher Filomenia da Conceição Neto que foi morador na freguezia de Curvos desta comarca, e em que é inventariante Mariana de Faria Azevedo tambem conhecida por Mariana Alves de Faria sob pena de revelia e sem prejuizo do regular andamento do mesmo.

Espozende 8 de Fevereiro de 1913.

O Escrivão,

Alexandre Henriques Torres

Verifiquei

O Juiz de Direito Leal Sampaio

CAFE CENTRAL
DE
Matheus Vianna
Largo Dr. Fonseca Lima
ESPOZENDE

COMARCA DE ESPOZENDE

EDITOS de TRINTA DIAS

1.ª publicação

P ELO Juizo de Direito da comarca de Espozende e cartorio do escri-

vão — Moraes Rocha — se processam uns autos d'inventario orphanologico por obito de Manoel Antonio Rodrigues Soares, que foi da freguezia das Marinhas, e n'elles correm editos de trinta dias, os quaes se contarão da data da ultima publicação do annuncio, citando os herdeiros José Felix Rodrigues Soares e mulher—

Manoel Antonio Nunes Ramos e mulher Maria dos Prazeres Gonçalves Marques — Delfino Rodrigues Soares e Leonildo dos Anjos Soares, todos ausentes em parte no Brazil, para assistirem, querendo, a todos os termos até final do referido inventario e usaram dos seus direitos.

Espozende, 27 de Janeiro de 1913.

O Escrivão de Direito João Evaristo de Moraes Rocha

Verifiquei

O Juiz de Direito Leal Sampaio

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA ESPOZENDENSE

DE

JOSE DA SILVA VIEIRA

RUA VEIGA BEIRÃO, 71 A 91

ESPOZENDE

O maior depósito de impressos da Província do Minho

A nossa officina montada com todos os mecanismos e typos o que ha de mais moderno na arte de imprimir é a que atualmente fornece de impressos a maioria das repartições publicas, do norte do pais, por preços inferiores a todas as suas mais congeneres, rivalizando na perfeição e qualidades dos papeis que emprega.

N'esta casa encontra-se mais á venda e por preços excessivamente modicos os seguintes objectos:

Secção de Typographia

N'esta officina executa-se com a maior perfeição e rapidez, segundo os processos mais modernos da arte. Imprimem-se jornaes, livros, programmas para festividades, cartazes com typos grandes e em grande formato, participações de casamento, circulares, memoranduns, facturas para o commercio e particulares em todos os tamanhos e diferentes gostos, envelopes de côr ou brancos timbrados á vontade do freguez, notas de officios, etiquetas para pharmacia, bilhetes de rifa e todos os impressos necessarios ao commercio, industria, repartições publicas, escritvões de direito juntas de parochia, contrarias e particuleres.

Especialidade em bilhetes de visita para o que possui um catalogo illustrado com uma vasta e linda collecção de typos em todos os tamanhos nacionaes e estrangeiros. Ha tambem uma grande variedade de cartões brancos em todos os tamanhos e qualidades e um variado sortido em phantazia, pergaminho, linho e muitas outras qualidades onde o freguez pode escolher a sua vontade.

Os preços dos bilhetes com a impressão são relativos ás qualidades do cartão variando entre 300 até 800 reis cada cento.

Livraria.—Livros escolares de todos os autores, escriptas (Cruz e Simões Lopes), papel em todas as qualidades, louzas em todos os tamanhos e preços, tinteiros com tinta preta desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis aparos, lapis desde 10 reis, tinta a retalho e todos mais objectos aduados nas escolas primarias.

Material escolar, fornece-se com execução perfeita, taes como carteiras, secretarias, cadeiras, estojos, louzas grandes, mappas parietaes, espheras, estantes, e mais objectos pertencentes ás escolas, fornecem-se por preços muito inferiores a qualquer outra casa congenere.

Dão-se todos os esclarecimentos e preços.

Canetas de tinta, ultima novidade, a 200 240 e 300 reis, a melhor invenção.

Papel bordado para cartas amorosas, (grande sortido), envelopes bordados para os mesmos, d'asde 20 a 80 reis.

Chromos, ramos, santos, estampas, figuras de passar, cartões de dobrar, chromos de phantazia de abrir, ultima novidade, para diferentes preços.

TINTA DE MARCAR roupa, Colla-tudo, lamparinas de pau a 20 reis a caixa, e de porcelana a 40 rs., giz para alfayates, bilhar e escolas, gomarabica, prende papeis, ataches, sabonetes, borrachas para safar tinta e lapis, obréas, lapis pretos de 10 reis para cima, azul, azul e vermelho, lapis de tinta, lapizeiras com lapis e pena desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis a 120 reis.

ETIQUETAS em caixas a 60, 80, 90 e 100 reis cada uma.

POSTAES em côres, bro-meto escuro imitação verdadeira da photographia, o que ha de mais fino e mais moderno, que em toda a parte se vendem a 40 e 50 seis cada um são no nosso estabelecimento a

10, 20 E 30 rs.

cada um.

Collecções lindissimas em todos os gostos e para todos os preços, havendo n'este ramo um colossal sortido.

Todos os postaes de 30 reis para cima tem direito a um envelope de seda.

POSTAES

com vistas de Espozende, Fão, Apulia, e outras freguezias d'este concelho.

Cada 5 postaes 40 reis. E' um reclame.

TINTA preta, azul preta, carmim e mais côres para escrever. Tinteiros de vidro com tinta, redondos e quadrados para o preço de 30, 40 e 50 reis, havendo frascos grandes desde um 1/4 de litro até 1 litro, a diferentes preços.

PAPEL de sêda para flôres em todas as côres, de 1.ª e 2.ª qualidade; papel affixe para iluminação, lindas cores; dito para folhagem em verde, prateado e muitas outras côres com brilho.

PAPEL almaço e fino em todos os formatos e para todos os preços; papel fino para cartas em todas as qualidades.

PAPEL PARA CARTA A 10 REIS

PAPEL de musica proprio para bandas marciaes e par-

ticulares, diversos modelos.

PAPEL de chupar tinta, em vermelho, côr de rosa, branco, verde escuro, e outras muitas côres e qualidades.

LIVROS EM BRANCO para o commercio, industriaes e particulares, havendo em todos formatos e papeis diversos e preços muitos razoaveis.

SEM RIVAL

A

140,

160,

200 ATÉ 800

REIS

Cada caixa de bom papel com 50 folhas e 50 envelopes.

BLOCOS para calendarios.

AGENDAS de algibeira para 1913 muito portateis e uteis.

ALMANACHS Bertrand, Seculo, e todos os outros publicados para o futuro anno de 1913.

VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

Ha um grande e variado sortido de livros nacionaes e estrangeiros á venda na nossa livraria, avultando grande numero de romances de diversos auctores, obras scientificas, religiosas, politicas etc., que se vendem por preços excessivamente baratos. Ha tambem muitas obras, edições da nossa livraria, tanto litterarias como sobre o Folk-lore portuguez, as quaes constam de catalogo especial e remettemos a quem nos enviar a sua importancia.